

As reverberações do discurso sobre o negro e sobre a homossexualidade na figura mítica amazônica do Ataíde

Myrcéia Carlyne Guimarães da Costa¹
Cleonilson Rosário da Costa²

Introdução

Este trabalho apresenta considerações sobre o negro e sobre a homossexualidade extraídas dos discursos presentes nas histórias orais do Ataíde, ser mítico que compõe o imaginário do litoral paraense. Mergulhando nas histórias afloradas das memórias dos narradores de Taperaçu-porto em Bragança, deparou-se com a figura do Ataíde, entidade monstruosa que ataca pescadores e tiradores de caranguejo quando estes adentram o manguezal, castigando-os com surras e estupro.

A motivação que originou esta pesquisa foi analisar como o encantado influencia a vida dos moradores e quais temas reverberam nas entrelinhas dessas histórias, dentre eles destacam-se a questão do negro e da homossexualidade. A primeira depreende da constituição física do Ataíde: “pretão, feio, catinguento e com genitália de tamanho exagerado”; para uma sociedade com valores machistas, o falo gigantesco é associado a orgulho, porém, no Ataíde, seu símbolo de poder é o instrumento mortal que o configura como o terrificante ser que persegue, surra, estupra e mata pessoas, revelando uma interpretação que se dirige a sentidos maléficos ao afrodescendente evidenciando uma concepção racista e negativizando-os.

A segunda diz respeito ao estupro, como a atividade de tirar caranguejo e de pescar são eminentemente masculinas, o ataque do Ataíde se direciona mais aos homens, desencadeando, pois, uma dupla interpretação acerca da insinuação de relações homoafetivas na comunidade, assim, esta compreensão, concomitantemente, oculta e revela esse tipo de relação.

Nos discursos implícitos nas narrativas, a criatura simboliza o silenciamento e a condenação das práticas homoeróticas, constatadas na concepção negativa inerente ao mito especialmente se tratando da violação do corpo masculino, em que tal prática é considerada desvirtuada e pervertida fazendo com que o castigo (estupro) extrapole a natureza hedionda do abuso e demonstre pensamentos preconceituosos e intolerantes de sujeitos atados numa perspectiva homofóbica.

Ataíde: entidade mitológica dos manguezais bragantinos

¹ Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFGA); Professora EBTB (IFPA).

² Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFGA); Professor SEDUC/Pará.

O Ataíde pertence à esfera do que se considera mito, em torno de si arrolam-se inúmeras histórias de cunho maravilhoso, que se caracterizam pelo fato de existirem feitos na ordem do sobrenatural e dos fenômenos desconhecidos em que seus acontecimentos não são marcados por atitudes de pessoas/personagens e sim pela natureza mesma do que fora sucedido.

Diante disso, das histórias narradas sobre o ser encantado Ataíde, sua caracterização e conduta, ele se integra ao campo do maravilhoso, pois este “implica estar imerso em um mundo cujas leis são totalmente diferentes das nossas; por tal motivo, os acontecimentos sobrenaturais que se produzem não são absolutamente inquietantes. [...] O sobrenatural está presente, e não deixa entretanto de nos parecer inadmissível” (TODOROV, 1981, p. 89). Dessarte, os elementos extranaturais presentes na narrativa estão relacionados aos elementos reais de modo que de seu enredo advém coerência e força para se sustentar no imaginário dos que convivem em seu contexto de ocorrência.

Segundo Eliade (2000), ao mito é atribuído o papel de contar uma história sagrada no que se refere ao “princípio” das coisas, uma narrativa de “criação” no plano do “sobrenatural”, na qual há explicações e justificativas com fundamentos e significados para a existência do mundo, do homem e da sociedade.

A definição de mito, como sugere Chauí (2000), parte não do objeto mítico da narrativa, e sim pela maneira de “como se narra”, como a mensagem é proferida, através da qual, seja qual for o tema ou o ser, é possível tornar-se objeto de mito, ou seja, adquire estatuto de mito ao se transformar em “valores e símbolos sagrados”.

Ainda seguindo a linha do mito como narrativa, para Durand (2002) já não é possível que apenas as imagens arquetípicas ou simbólicas sejam suficientes em seu simbolismo intrínseco para oferecer a condição de mito, e sim do que chama de “dinamismo extrínseco”, pois essas imagens são ligadas por meio de narrativa. O termo “mito” denota, então, o mito propriamente dito presente nas narrativas que corroboram a fé religiosa ou mágica, a lenda, o conto popular ou a narrativa romanesca. “É essa narrativa – obcecada pelos estilos da história e pelas estruturas dramáticas – que chamamos ‘mito’” (DURAND, 2002, p. 355).

O caráter de sacralidade do mito torna suas histórias (para os que estão inseridos em seu contexto) verdadeiras, no sentido em que elas sempre se referem à realidade. Aos acontecimentos que não se podem explicar pelos aspectos naturais, cabe ao mito elucidá-los a fim de que faça sentido às pessoas e, mesmo que envolvidos em uma atmosfera divina, sobre-humana, por vezes mágica, as narrativas míticas são consideradas reais exatamente por penetrarem em campos nos quais o entendimento não chega.

O Ataíde tem sua pertença à esfera do não-humano, sua constituição física humanoide é um híbrido composto de elementos humanos masculinos e elementos animais em dimensões exageradas, sobretudo no que diz respeito a sua genitália que apresenta um tamanho descomunalmente grande. Ele é peludo, preto, não fala, mas emite sons (gritos) comparados ao som produzido pelo macaco guariba e ainda conta com a capacidade de metamorfosear-se em pessoas com a finalidade de atrair suas vítimas³. Portanto, o Ataíde não é humano e nem animal, o encontro com ele, quando a morte não é o resultado, tem como consequências surras, estupro e/ou doenças no campo de mau-olhado e quebrantos.

Isto posto, é oportuno estabelecer uma conexão do encantado do manguezal com a literatura bestiária. Ela remonta ao Medieval, ocupa-se em retratar animais comuns e também os imaginários e fantásticos, tais como sereias e unicórnios. Um dos seus objetivos era promover ensinamento aos homens, constituiu-se, então, como uma das coleções mais relevantes no que se refere à exegese cristã acerca de explicações e propósitos dos seres da natureza.

FONSECA (1999) esclarece que a composição dos animais dos livros bestiários – a que chama de pseudozoologia – não reflete sua realidade científica em razão de abordar e associar os animais, por meio de linguagem figurada, aos aspectos que concernem aos valores morais e religiosos cristãos. Por conseguinte, dispunha em si um objetivo epistemológico indiscutível para a cristandade medieval: a instrução do homem.

Ante a descrição do Ataíde e os aspectos que se vinculam à literatura bestiária, promove-se a integração deste ente aos bestiários, mais apropriadamente expressando, ao “bestiário mítico da Amazônia brasileira” (FARES, 2015), uma vez que agrega em si a figura híbrida anteriormente mencionada que surge nos manguezais bragantinos aterrorizando os moradores da vila de Taperaçu-porto; e o ensinamento (indicado como parte constituinte do bestiário medieval) que se configura na relação estabelecida entre homens x Ataíde x natureza: a ocorrência deste ser mítico em certos lugares do manguezal resulta na interrupção da extração de caranguejo, em decorrência disso, propicia a reposição de recursos naturais daquela área, sobretudo a reprodução do crustáceo.

Outro ponto comum entre as criaturas do universo maravilhoso no século XVI e o Ataíde é a referência à prática da sodomia, Rodilla León (2007) menciona relatos sobre gigantes monstruosos que tinham formas humanas e animais, e que receberam um castigo

³ Representação imagética do Ataíde por Messias de Aviz, desenhista e morador da Comunidade de Taperaçu-porto. https://drive.google.com/file/d/1Pt7xILGBBPK_Mep8MNGKqEIV-9k4Ihrv/view?usp=drive_link

divino no qual um arauto dos céus utiliza sua espada de fogo para dizimá-los, ela pressupõe ainda que esse contexto seja uma clara evidência a preceitos bíblicos.

Nas narrativas acerca do Ataíde a sodomia também é um elemento presente, igualmente ao pensamento de tradição judaico-cristã, tal ato é considerado pecaminoso, desvirtuado e que desprestigia a virilidade masculina, é condenado por Deus e pelos homens ainda presos a conceitos discriminatórios em relação à homoafetividade. A sodomia alude, portanto, a um conceito extremamente negativo, pois ela se configura como um castigo, a sociedade condena esta prática e isso se reflete no discurso que o mito do Ataíde representa.

A figura do negro na Amazônia e as reverberações no Ataíde

“Ele (o Ataíde) é um homem pretão, feio e mau”. “É um bichão preto, tem uma catinga desgraçada e é ruim como uma peste”. Estes são dois exemplos de depoimentos acerca da caracterização do Ataíde, todos os narradores, sem exceção, apresentam a mesma descrição ao retratá-lo, referindo-se a ele como “preto”.

A participação africana tem importantes e profundas marcas na constituição da vida social brasileira nos seus mais diversos aspectos, na linguagem, na religião, nas práticas de trabalho, nas festas, dentre outros.

Na Amazônia, a principal função atribuída ao escravizado africano pelos seus senhores, de acordo com Figueiredo (1976), era a participação nas atividades agrícolas, após a Abolição, houve uma mudança significativa na organização social dos africanos no Brasil e, para os descendentes dos escravizados restou integrarem-se à sociedade local, porém de uma outra forma, passaram, pois, a compor uma sociedade estratificada “constituindo o proletariado urbano e rural” (FIGUEIREDO, 1976, p. 151) e, apesar do entrecruzamento das culturas, impusera-se sobre eles a cultura do português colonizador, posto que “incorporado compulsoriamente a uma sociedade que emergia, (o negro) teve que adaptar-se às condições impostas pelo escravizador” (op. cit., 151). Considerado como grupo étnico inferior, o negro, no Brasil, sofreu discriminações de todas as ordens, “na cidade, ou nos estabelecimentos rurais, o escravizado ocupou o escalão mais baixo desta sociedade de classes” (SALLES, 1971, p. 133), e esta carga preconceituosa é vivenciada pelos seus descendentes até os dias atuais.

É desconhecida a origem do Ataíde pelos moradores de Taperaçu-porto, dadas as circunstâncias atemporais da criatura e o fato de ser afirmado pelas pessoas locais como de “há muito tempo”, pode-se remeter na constituição da entidade a representação de alguns aspectos do que se tem das impressões afros. Todos os narradores são enfáticos ao indicar que

ele é preto, ou melhor, “pretão”, esta caracterização no aumentativo aponta para duas vertentes: o Ataíde é uma criatura humanoide que apresenta uma estatura bem mais elevada que a de um homem adulto (“ele tem pra muito mais de dois metros de altura” – narrador da pesquisa), assemelhando-se a um gigante fantástico; como características subjetivas, o termo “pretão” alude para a concepção que se foi formada por uma elite branca dominante desde a época colonial e que se reproduz (carregada de preconceito e intransigência por parte de alguns que se declaram não negros) ainda hoje a respeito dos negros advindos da África que se integraram à sociedade brasileira.

A concepção acima mencionada corresponde ao estereótipo pernicioso pelo qual o negro é profundamente marcado, o Ataíde reverbera tal concepção ao apresentar-se como um ser perverso, feio e medonho, apesar de proteger as florestas de manguezais (uma tarefa nobre), esta proteção não decorre de ações que denotam bravura, coragem e lisura, ao contrário, as ações são castigos severos e atroz – e o são – imprimindo assim, ao Ataíde, um ideário subentendido da figura do negro em nossa sociedade, assim, o Ataíde não é herói, é vilão; não é valente, é cruel; não é guardador, é punidor. De modo que a imagem é pintada de acordo com as nuances que se têm incutidas no imaginário das pessoas que vivenciaram/vivenciam este contexto. Não se pretende, de forma alguma, requerer o status de herói virtuoso ao Ataíde por conta de seu papel de guardião do mangal, objetiva-se direcionar um olhar reflexivo para o modo como a sociedade demonstra seus (pré)conceitos, reforçando-os na construção do mito seus valores, juízos e padrões.

Dar-se-á um destaque particular à característica física mais acentuada da fera dos manguezais que também possui associação à figura do negro e que reafirma a caracterização aumentativa de “pretão”, “bichão” como os narradores se referem a ele – o enorme pênis. O homem negro carrega consigo uma ideia de virilidade marcada pelo porte avantajado do pênis em relação às outras etnias, imprimindo-lhe força e vigor, demonstrando referência à sexualidade e à representação masculina como forma de poder. O pênis é a principal e mais temida “arma” para os castigos aplicados pelo Ataíde, posto que os homens assombram-se com punição tão violenta de natureza física e de natureza simbólica pela alusão ao abuso não só do corpo, mas do que consideram como macular sua hombridade masculina.

O Ataíde, então, traduz as representações do pensamento de uma sociedade classista e excludente em relação ao homem de origem africana, todas as características do monstro remetem a uma demonização do povo negro com a finalidade de negativá-lo e depreciá-lo a fim de confirmar a superioridade de concepções etnocêntricas (superioridade que não existe).

Isso nos leva a formular a hipótese de que o Ataíde surgiu a partir do período colonial, pois ele apresenta mais características (físicas e simbólicas) dos povos de matriz africana do que, por exemplo, dos povos de matriz indígena. Também aponta-se para esta hipótese o fato de que ele possui uma denominação de origem europeia, criando-se o questionamento sobre a razão pela qual uma criatura nefanda associada à etnia negra africana (se possui tais características, é provável que não tenha sido originada de narrativas desse povo) foi batizada com nome europeu.

A aparição do encantado no mangal dá-se numa atmosfera de medo, o “ciúme” que tem de seu território o leva a prática de várias demonstrações de flagelação, dentre as quais os açoites são muito frequentes. Nas narrativas não há a ocorrência de vítimas que escaparam quando o castigo é em forma de estupro, quando, porém, a punição ocorre através de surras, há registros de sobreviventes (com a ressalva de que estes moram distante, ou já morreram, ou que os narradores ouviram falar de fontes em que confiam, de modo que estas vítimas não fazem parte do convívio com eles na vila), cujas lembranças dos açoites estão marcadas no corpo.

A referência aos açoites nos faz refletir para uma possível reprodução da conduta que os senhores de escravos praticavam contra os africanos – os maus-tratos e castigos físicos – “qualquer ato de desobediência dos escravizados era respondido com castigo físico exemplar, através do qual o senhor pretendia reafirmar o seu poder, marcando no corpo do escravizado a sua submissão” (AMARAL, 2011, p. 13). Era desta forma que os negros na condição de escravizados eram tratados no Brasil, logo, o Ataíde agrega todas as mazelas e iniquidades sofridas por este povo e as reproduz em suas ações para proteger os manguzeais.

O que ecoa das histórias do Ataíde acerca da homossexualidade?

Ainda em relação ao ensinamento, como pressupõe a literatura bestial e numa análise mais específica, SOUZA (2013) realiza um estudo no qual relaciona as subjetividades dos indivíduos no que diz respeito às relações de gênero, em especial à homossexualidade, cujas representações partem da figura mítica do Ataíde. O “ensinamento” ao qual se refere é quanto aos discursos implícitos nas narrativas sobre este ser não-humano, dentre os quais, o Ataíde personifica o silenciamento, a proibição, a condenação das práticas homoeróticas, discurso este percebido pela carga negativa intrínseca à criatura, sobretudo quando se trata do estupro do corpo masculino: o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo é visto como um comportamento pernicioso, impudico e pecaminoso, tornando assim, este castigo (estupro) o mais temido, pois ultrapassa a natureza atroz do abuso e reflete as concepções

preconceituosas, intolerantes e até mesmo hostis de um grupo social ainda arraigado em uma visão homofóbica.

Os cuidados tomados para escapar de um ataque também perpassam pelo campo da “hombridade masculina”, no sentido em que os castigos de Ataíde são em forma de estupro e esta prática suscita a violação do corpo masculino por outro que também é do gênero masculino, desencadeando em mácula e desonra à virilidade que se atribui ao homem do ponto de vista de uma sociedade impregnada de concepções homofóbicas (SOUZA, 2013), nenhum morador quer ser associado ao que está implícito nas histórias acerca da criatura encantada.

Ao se tratar do assunto da homossexualidade, os mais velhos procuravam não abordar explicitamente o tema, tinham um certo cuidado com a linguagem, eles contavam sobre isso em suas narrativas e depoimentos, porém com uma linguagem mais velada, pois, para eles esse é um assunto tabu, é um discurso interdito, houve ocasiões em que as referências a estupro provocavam risos comedidos, ao se perguntar a razão do riso “inocente”, obteve-se como resposta que “não era bom falar dessas coisas, quando mexe na macheza dos homens” (narradora). Apesar de silenciado, o discurso sobre a prática homoafetiva está presente nas narrativas que envolvem o Ataíde e demonstram que estas relações são entendidas como inapropriadas e como comportamento desvirtuado de homens (e mulheres) que as praticam, todos os entrevistados incorreram para esta concepção acerca destas relações.

Considerações Finais

As leituras que se obtêm nas narrativas acerca do contato sexual da fera do manguezal com vítimas do sexo masculino são sempre compreendidas de forma repulsiva pelos moradores da vila, tal fato explica-se por este contato ocorrer em forma de punição. Para eles, a violência sexual acometida a quem quer que seja é um fato hediondo, quando esta ocorre contra homens, suscita, numa interpretação mais minuciosa, uma compreensão dúbia no que diz respeito à insinuação de relações homoafetivas entre os moradores da comunidade, simultaneamente estas leituras “mascaram e trazem à tona” tais relações (SOUZA, 2013).

Das narrativas sobre o Ataíde é possível extrair a compreensão que se tem da figura do negro na sociedade. Nos contos narrados, não há necessidade, de acordo com a dinâmica da narrativa, que o narrador faça a descrição detalhada da criatura em cada história. Eles já a fizeram durante as entrevistas, e elas aparecem pontualmente em algumas histórias. Conforme o que se atribui à criatura como características físicas e comportamentais, ele é cruel, grande e

preto. Ao negro é concedido um tratamento inferiorizado da parte de uma sociedade etnocêntrica e isso se reflete na composição do bicho.

Tais atributos são enfatizados no grau aumentativo para equiparar-se ao gigante Ataíde, porém esses traços são acentuados de forma negativa, ele é extremamente forte e ágil, contudo esses adjetivos o servem para a prática do mal contra as pessoas. Ao afirmar que o Ataíde é pretão, negão, está clara a referência ao homem negro que, além de forte e enorme, é feio, a concepção de repulsa a este povo é traduzida pelo Ataíde e intensificada no grau aumentativo, inclusive seu atributo mais contundente (traço fortemente associado ao homem de origem africana): o grande membro sexual.

Com efeito, as narrativas em torno do Ataíde trazem consigo as representações que sinalizam como as pessoas da vila, que vivenciam o contexto de existência do mito, concebem os assuntos destacados acima. Neste mito refletem-se tais interpretações que nos orientam a compreender como estes sujeitos interagem entre si e com seu ambiente, construindo toda uma dinâmica social que os define como uma comunidade com suas idiossincrasias e, em consonância com o mito, estabelecem-se os traços que os identificam como um grupo social instituído.

Referências

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf_242.pdf.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática. 2000.

DURAND, G. **As estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral**. (1921). Trad. Hélder Godinho. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção biblioteca universal).

ELIADE, M. **Aspectos do Mito**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Perspectivas do homem/Edições 70. 2000.

FARES, Josebel Akel. **Bestiário mítico da Amazônia brasileira: o voo das matintas pereiras em Bragança**. 2015. Disponível em: <http://livred.info/bestirio-mtico-da-amaznia-brasileira-o-vo-das-matintas-pereras.html>.

FIGUEIREDO, Napoleão. **Presença africana na Amazônia**. In: Afro-Ásia. nº 12. Salvador: 1976. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article>.

FONSECA, Pedro Carlos. **O imaginário medieval na colônia: o bestiário em Fernão Cardim**. In: Revista Signótica. Goiânia, vol. 11, nº 1. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7283>.

RODILLA LEÓN. María José. **Bestiarios del Nuevo Mundo: maravillas de Dios o engendros del Demonio**. In: Rilce: “Cálamo corrente”: Homenaje a Juan Bautista Avalle-Arce, Pamplona, 2007, p. 195-205.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo). Disponível em: livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/48/1/Livro_NegroParaRegime.pdf.

SOUZA, Camilla da Silva. **Relações de gênero em Bacuriteua (PA): imaginário do homoerotismo masculino entre coletores de caranguejo**. Dissertação de Mestrado. UFPA, Belém, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Trad. Do francês ao espanhol: Silvia Delpy. 2. ed. México: Premia, 1981. Série Debates. Versão brasileira a partir do espanhol: Digital Source- http://google.com/group/Viciados_em_Livros.